

POÉTICA CLARICIANA E RASTROS DE EXÍLIO: DE *O LUSTRE* AOS EXILADOS DA ATUALIDADE

CLARICE LISPECTOR'S POETRY AND TRACES OF EXILE: FROM *O LUSTRE* TO THE MODERN EXILED AND DISPLACED PEOPLE

Marta Francisco de Oliveira⁵²

RESUMO: Este artigo pretende analisar como a trajetória exílica se torna uma marca textual perceptível na obra de Clarice Lispector através tanto de seu próprio texto como de suas personagens; estas, embora díspares e únicas em suas composições, agregam em si o traço compartilhado que, independentemente de sua condição e circunstâncias narrativas, formam o compósito uma poética de exílio em Lispector. A própria vida da escritora se inscreve pelos mesmos meandros desta poética, ao passo que também se escreve, ficcionalmente narrada, em seus variados textos, dissimulada, mascarada, diluída e profundamente arraigada na trama narrativa da escritora, principalmente na obra *O lustre* (1946), seu segundo romance. Utilizando o ponto de vista da psicanálise, as experiências de exílio, individuais ou compartilhadas, podem ser estudadas de modo a identificar os rastros de composição textual clariciana que erigem uma reconstrução poético-visual da história familiar e pessoal de Clarice. Por outro lado, o tema coloca em foco a condição humana atual e os movimentos migratórios e de exílio, bem como seu impacto no sujeito e na cultura, abarcando a esfera global e exigindo um repensar acerca da condição humana atual, quer em suas relações quer em suas produções artísticas e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Poética; Clarice Lispector; Exílio; Psicanálise.

ABSTRACT: This article intends to analyze how the exile trajectory becomes a perceptible textual mark in the work of Clarice Lispector through both its own text and its characters; these, although disparate and unique in their composition, add in themselves the shared trait that, regardless of their condition and narrative circumstances, form the composite poetic of exile in Lispector. The writer's own life is inscribed by the same meanders of this poetic, while it is also written, fictionally narrated, in its various texts, concealed, veiled, diluted and deeply rooted in the narrative plot of the writer, especially in *The Chandelier* (1945), her second novel. From the point of view of psychoanalysis, the experiences of exile, whether individual or shared, can be studied in order to identify the traces of Claricean textual composition that raise a poetic-visual reconstruction of Clarice's family and personal history. On the other hand,

⁵²Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho” - Brasil, Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: martisima@gmail.com

the theme focuses on the current human condition and the migratory and exile movements, as well as their impact on the subject and the culture, encompassing the global sphere and demanding a rethink of the current human condition, both in their relationship and in their artistic and cultural productions.

KEYWORDS: Poetic; Clarice Lispector; Exile; Psychoanalysis.

1. INTRODUÇÃO

Ao propor, como tema de debate e de direcionamento dos estudos e trabalhos sobre literatura, as discussões e tensões nos caminhos da modernidade, o Encontro Internacional de Estudos Literários, realizado em setembro de 2018, na Universidade de Brasília, convida à reflexão acerca do papel dos estudos em literatura e suas repercussões na forçimação humana neste século XXI. Com base na leitura de uma escritora consagrada, relida e tão presente, através de citações de seus textos, no imaginário de novos leitores e de outros não tão leitores assim (Clarice é uma das mais citadas nas páginas da internet, o que dá visibilidade a seu texto, mas não garante que sua obra seja realmente apreciada através da efetiva leitura), o objetivo deste trabalho é avaliar certas tensões e discussões que conformam um novo entendimento do ser, do sujeito moderno, homens e mulheres da atualidade que convivem em espaços diversos, múltiplos, cuja realidade são os deslocamentos reais e virtuais. Crises, desastres, pobreza, por um lado, ou questões de ordem econômica (comércio) e facilidades, por outro, configuram um novo modelo de cidades e de cidadãos, cujos grupos humanos se deslocam geográfica e culturalmente. Os textos, as artes e as literaturas também sofrem mudanças e adaptações, levadas a outros espaços por meio dessas perambulações literais ou virtuais. A nova compreensão de humanidade se depara com massas de indivíduos emigrantes e exilados, e coloca em foco a condição do próprio ser.

Ao refletir sobre esta realidade, à luz do fazer ficcional de Clarice Lispector, alguns aspectos são interessantes. O que se nota como condição humana (ver OLIVEIRA, 2017) é mimetizado na escritura clariciana, uma

errância, ou experimentação de modos de narrar que se alteram ao longo das obras *Perto do coração selvagem* (1944), *O lustre* (1946), *A cidade sitiada* (1949) e *A maçã no escuro* (1961), para encontrar seu amadurecimento em *A paixão segundo GH* (1964). Personagens que redesenham uma trajetória de busca e de espera, de deslocamentos e de exílios conduzem à reflexão acerca do humano, e fornecem uma base para a análise do papel do intelectual frente ao seu tempo e às condições de organização social que se apresentam, com levadas de imigrantes e exilados ocupando territórios alheios, nem sempre em convivência pacífica.

Nossa análise se inicia, portanto, a partir da poética clariciana de um (in)certo exílio percebida na obra *O lustre*, e percorre elementos anteriores de uma herança pessoal e familiar dos Lispector, para prosseguir em outros romances e rastrear uma nova forma de construção poético-literária, errante, no fazer ficcional que acompanha os deslocamentos de grupos na atualidade, trabalho ainda em desenvolvimento, a ser apresentado futuramente.

2. REFERENCIAL TEÓRICO: A POÉTICA DE UM (IN)CERTO EXÍLIO E UMA HERANÇA FAMILIAR E PESSOAL

A construção de uma poética de exílio é lida na obra da escritora Clarice Lispector, especificamente em *O lustre*, romance de 1946, mas com repercussões ao longo de um período relativamente extenso de sua produção literária, no qual escreveu *A cidade sitiada* (1949) e *A maçã no escuro* (1961). Em Lispector, se nota a constante procura, um reflexo da inquietação como artista que em sua obra mimetiza tanto uma trajetória de herança cultural quanto a própria incursão lispectoriana no mundo da linguagem, redesenhada na ficção. Deste modo, Clarice tece um relato marcado pela aparentemente insuperável tensão entre duas forças que determinam sua herança cultural e sua vocação para as letras. Refletida no texto, tal tensão é lida como o embate entre um 'fora' e um 'dentro', mimetizado na escritura e representado na

ficção, em especial nas obras iniciais de Lispector, embora não apenas, dando os contornos da poética que começa a construir. É neste contexto que os rastros de uma vivência, quer pessoal, quer herdada e/ou compartilhada, é *escrita e inscrita* ficcionalmente, narrada em sua poética. Visíveis parcialmente e com menos ênfase em *Perto do coração selvagem*, o romance de estreia de 1943, marcas culturais se farão sentir mais plenamente a partir da composição de *O lustre*, obra na qual leio os indícios de uma narrativa gerada também como uma espécie de poética de experiência, de uma vivência que bem poderia ser pessoal e familiar como também poderia se revelar universal.

Para minha leitura, destaco que Clarice sempre fugiu a convenções. Seus romances escapam dos conceitos limitadores de gênero ou estilo, que não definem precisamente a escrita clariciana. De fato, a representação buscada por alguns ficcionistas “para exprimir a continuidade dos processos mentais” das personagens, é levado a outro patamar construído pela forma de narrar fluida e, algumas vezes, alucinante, da escritora. Se em *Perto do coração selvagem* e em *O lustre* o processo de escrita centrado na personagem não está bem definido, com a preponderância do modo de narrar em terceira pessoa, mas muitas vezes aderido à personagem de tal forma que consegue o efeito de confundir ambas as vozes, Clarice Lispector vai construindo uma forma narrativa, como um processo que vai se repetindo e se aprimorando com as diferentes construções dos narradores de *A cidade sitiada* e de *A maçã no escuro*. É a mimetização da errância, do movimento, no próprio *corpo* da linguagem, constituído, novamente, como uma *herança*.

Sem dúvida, esse processo, como uma *experimentação de focos narrativos*, foi essencial para a consolidação do modo de narrar que Clarice Lispector levará a cabo em *A paixão segundo G.H.*, romance de 1964, que a consagrará definitivamente nas letras brasileiras. Neste sentido, a leitura de *O lustre* se complementa com a das duas seguintes narrativas, leitura esta que se expande e coloca em evidência a relação estabelecida com o espaço,

(BRANDÃO, 2013), e que ressoará também em *A hora da estrela*, em mais de um sentido. O estudo do espaço narrativo e da relação do sujeito/personagem com ele, amistosa ou não, fornece elementos importantes para a compreensão da construção poética de Clarice presente em *O lustre*, e que posteriormente se apresentará também em *A cidade sitiada* e em *A maçã no escuro*, não como repetição exata, mas como ressonância, o que permite, ademais, sua ampliação.

O período de vivência de Clarice no exterior e as condições de escritura são, sem dúvida, relevantes para pensar sobre a concepção da poética de exílio; de certo modo, já está pautado na memória familiar e cultural legada à escritora, cujos rastros se apresentam em sua obra, e são evidentes nos escritos da irmã mais velha, Elisa Lispector. *O lustre* se inscreve numa categoria particular de narrativa poética, e seu modo de escritura ajuda a tecer os fios que estabelecem conexões com os outros dois próximos textos. Mas se a estrutura e os narradores de *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro* são constituídos num processo literário distinto, não abandonam totalmente o lirismo que impregna a prosa inicial de Clarice, tão peculiarmente caracterizado e encenado nos dois primeiros textos. Assim, é possível ler as três obras como se compusessem um ciclo de escritura e de uso da linguagem, aprofundando a percepção do ser humano e sua condição no mundo, o que abrirá caminho para o enfrentamento do ser consigo mesmo refletido inesperadamente no outro que ocorrerá com G. H. e que marcará a trajetória de Macabéa em sua necessidade de ‘pontos de conexão’ através do chefe, de Glória, ou de Olímpico. Desta percepção inicial centrada no próprio ser resulta a ideia da condição de exílio. Neste respeito, a obra *Retratos antigos, esboços a serem ampliados*, de Elisa Lispector, com as fotos da família Lispector e outros parentes e antepassados, mostra uma intenção de recopilação da história familiar, aliando a imagem da história e a narração memorialística e

reconstrutora, digamos assim. Analisá-lo lança luz aos rastros e heranças que podem ser visualizados na obra de Clarice Lispector.

Em *O lustre*, lemos:

Viviam juntos como para ainda estarem juntos no momento da morte (...). Talvez cada um deles soubesse que poderia libertar-se unicamente por meio da solidão, criando seus próprios pensamentos íntimos e renovados; porém esta salvação individual seria a perda de todos. (LISPECTOR, 1995, p. 261)

Estabelecendo a comparação, podemos observar citações de *Retratos antigos*:

Nos dias de inverno rigoroso, quando o vento fustigava as vidraças, a tempestade de neve a poucos encorajando a sair às compras, ele sentava-se nos fundos da loja, junto à estufa, acendia o lampião de querosene, e se punha a ler. Lia de tudo quanto podia trazer das grandes livrarias nas suas frequentes viagens. Mas, além de Bialik e Dostoyewsky, entre outros autores, também lia, ou melhor: estudava o *Guemurah* (o *Talmud*). O piedoso sentimento religioso do pai, a quem sempre vira debruçado sobre os Livros Santos, nele havia-se transformado num pensamento a um só tempo espiritual e humanista. O humanismo e o respeito à vida em todas as suas manifestações eram, efetivamente, os traços de seu caráter, de sua maneira de ser e de conceber o mundo. (LISPECTOR, Elisa, 2012, p. 114-115)

Gostava de ler, o pai, e apreciava a música. Muitas vezes entrava em casa radiante: comprei entradas para assistirmos ao concerto de Yehudi Menuhim. Ou era Brailovvski, ou Arthur Rubinstein. Era sempre dele que partia a iniciativa para irmos ao teatro ouvir boa música.” (LISPECTOR, 2012, p. 124)

No que lhe dizia pessoalmente, tinha eu referido atrás ser ele um homem que sabia o que queria e agia. – É uma maneira de falar. Pois assisti a muitas das lutas improfícuas, muito sofrimento calado, apenas intuído por quem o conhecesse e amasse.

Lembro-me de certa noite em que, após ler um de meus primeiros escritos numa revista literária, pensando e repensando com a revista na mão, falou:

– Vou-lhe sugerir um tema. Escreva sobre um homem que se perdeu, um homem que perdeu o caminho.

Permaneceu um bom tempo calado, depois retirou-se para o seu quarto. Nada mais acrescentou. E eu fiquei a imaginar o que o teria feito sentir-se como um náufrago, em que ponto de suas dúvidas ele se havia extraviado, ao oscilar entre dois mundos, perdido entre várias culturas. “(LISPECTOR, 2012, p. 125)

Já em *No exílio*, romance de Elisa Lispector, publicado em 1948, a trajetória de uma família judia fugindo da guerra é narrada, numa aproximação ficcionalizada do que poderia ter acontecido com os Lispector, extrapolando a memória familiar que seguramente foi repassada a Clarice.

Sobre esta obra, Nádya B. Gotlib comenta:

É um romance autobiográfico. Isso quer dizer que se pode confiar e não se pode confiar ao mesmo tempo. Confia-se na medida em que lança informações que, no entanto, só poderão ser aceitáveis e incorporadas a um repertório biográfico se devidamente checadas, isto é, se confirmadas documentalmente. Não se pode confiar porque é ficção, ainda que de teor autobiográfico.

Além disso, há ainda outro fator a considerar: mesmo se alguns fatos forem comprovados como verdade, trata-se de uma peça narrativa que assim deve ser lida, enquanto um conjunto de construção que tem seus pontos de força devidamente tecidos em função não da verdade, mas da verossimilhança, e só nesse conjunto ganham força poética.

Nesse caso específico, ainda há a considerar o seguinte: os nomes dos personagens são apenas parcialmente parecidos, não são idênticos. Seja como for, Elisa Lispector, nome da autora que aparece na capa do livro, pode ser a personagem que aparece no romance, mas como personagem, cujo nome é Lizza. Já o nome que poderia ser o de Clarice não é Clarice, mas Nina. E assim por diante... Há artifícios que podem ser considerados máscaras de identidade. Mas como os nomes mascaram pessoas, fatos também podem ter sido elaborados para mascarar situações... E a incerteza, em relação ao que seria verdade ou ficção, permanece. (COUTINHO; MORAES, 2012, p. 380)

Se o romance de Elisa Lispector fornece detalhes importantes para a reconstrução de uma história familiar compartilhada com um grupo de indivíduos, estes precisam do aval/suporte da comprovação documental, e mesmo esta pode revelar as nuances que distinguem fatos da ficção. Do ponto de vista teórico da crítica biográfica, o texto de Elisa exemplifica como, apesar do impulso claramente pautado na vivência, em uma exigência histórica (pessoal) de resgate e registro, a verdade biográfica pode estar em suspenso, considerando, não o critério de verdade, mas

o acontecimento – se ele é recriado na ficção – desvinculado de critérios de julgamento quanto à veracidade ou não dos fatos. (...) O próprio acontecimento vivido pelo autor – ou lembrado, imaginado – é incapaz de atingir o nível de escrita se não são processados o mínimo distanciamento e o máximo de invenção. A crítica biográfica não pretende reduzir a obra à experiência do autor, nem demonstrar ser a ficção produto de sua vivência pessoal e intransferível. As relações teórico-ficcionais entre obra e vida resultam no desejo de melhor entender e demonstrar o nível de leitura do crítico, ao ampliar o pólo literário para o biográfico e daí para o alegórico. (SOUZA, 2009, p. 54-55)

Por outro lado, na tênue relação de intervenções entre as duas instâncias, vida e obra, arte e experiência, é o ato poético que se reveste de valor, dotado de liberdade criativa, não só por parte do escritor como também concedida ao crítico, quem recebe “certa flexibilidade ficcional sobre o objeto em análise, não se prendendo à palavra do autor, mas indo além dela.” (SOUZA, 2009, p. 54)

Ao ler *O lustre* e, na sequência, os dois próximos romances, o fio condutor que pode uni-los se instaura no estreito espaço, apenas entrevisto, da poética do exílio em construção no primeiro, com seus desdobramentos em *A cidade sitiada* e *A maçã no escuro*, perpassada pela experiência, pessoal e compartilhada, da escritora. Não leio a obra de Clarice Lispector apartada totalmente dos ‘restos’ ficcionalizados de sua experiência, dos ‘rastros’ e ‘marcas’ de uma vida escrita e inscrita, que nunca será um relato ‘tal qual’, embora procure fazer uma (inter)relação entre elas, mas no interstício de sua (re)criação literária, resultando numa *poética como invenção clariciana*. Ouso dizer que vai além de qualquer forma de mera individualização da experiência, quer por um sujeito, real ou ficcional, quer por um grupo, nos mesmos moldes. Ou seja, não se contém em apenas uma família, os Lispector, ou em único grupo, os judeus, porque os sobrepassa.

Invenção porque criação poética e narrativa, mas sobreposta ao texto principal; de fato, a poética do exílio, (in)certo, indefinido, fora dos moldes,

mas sobretudo humano, descreve uma *condição* subjacente do ser humano em sua imanência e, nos textos, tende à repetição e à variação. Surgirá, portanto, nas margens dos textos, nas ‘dobras’ da escritura, da experiência e da própria linguagem, ou da experiência *da* linguagem. Obedecendo, talvez, a um primário impulso autoficcional, Clarice Lispector dele se desprende para iniciar o ato libertador, criativo: os romances revelam a escritora em plena busca, ‘se fazendo’, como ocorrerá metaforicamente com sua personagem (*persona*, enquanto projeção), no romance de 1961. Neste aspecto, retornando ao princípio da autoficção, válido no que tange a Elisa e nos mínimos exercícios de escrita de si de Clarice, o que se lê não é uma vida – esta se vive no *corpo* –, é um texto, ‘literal e literariamente uma reinvenção’ (DOUBROVSKY, 2007, p. 64). *No texto em francês: “C’est littéralement et littérairement une reinvention.”*

Qualquer ideia de exílio nos textos de Clarice Lispector, bem como a construção de um possível conceito para o termo em sua obra, constituindo uma poética de exílio, é perpassada pela análise de sua importância e relevância para a compreensão geral do projeto literário clariciano; assim, partimos da observação e análise das marcas que as constantes viagens feitas pela escritora deixaram em seus textos, que se constroem como representação não apenas de uma experiência pessoal compartilhada com um grupo, mas também de uma *condição* de deslocamento, de abandono de um lugar natal através de uma diáspora familiar, imposto por circunstâncias alheias à vontade ou ao controle da escritora ou até mesmo de seus parentes. O deslocamento, o desenraizamento e a punição exílica seriam uma referência constante em uma família judia, cuja história e genealogia assumem vital importância e remontam aos tempos e registros bíblicos, sagrados para muitas culturas. Elisa Lispector trata deste traço de modo particular, ao passo que Clarice se utiliza do traço “na linguagem”, em sua “universalidade”, e mergulha

na condição do próprio ser, mascarando qualquer influência mais direta. Está, no entanto, visível nas malhas do texto.

Entretanto, a relação com “o ser judeu” se mostra de outras formas. Os traços da herança judaica de Clarice parecem evidentes em sua obra, embora mascarados, para críticos como Nelson Vieira (1998). O estudioso procura estabelecer uma associação entre a herança cultural da escritora, como parte de um grupo, e sua escritura, com ênfase nos conhecimentos literários e a relação judeu/expressão/linguagem. Para Berta Waldman, a disposição de Clarice inclinava-se mais no sentido da ‘articulação disjuntiva’ entre o “ser brasileira e judia, preterindo esta em nome daquela, sem conseguir, no entanto, apagá-la” (WALDMAN, 2003, p. XXVI); mesmo à revelia e de modo abstrato, permanece uma referência judaica em seu texto. As referências, embora seja possível traçar sua origem, não tinham interesse para a escritora Clarice Lispector, no sentido de deixar claras sua filiação e linhagem; por isso o espanto de muitos ao sabê-la judia. Entretanto, Clarice não procurava ‘apagar rastros’ apenas de uma possível formação religiosa, como também literária ou de qualquer fonte que pudesse criar uma ‘etnia’, ou aproximação com estilos ou escritores, embora a crítica insistisse em fazer comparações.

Portanto, como as aproximações são inevitáveis, Vieira aborda claramente a questão sobre como “vida e literatura, autor e texto, ligam-se culturalmente”, e “juntos contribuem para uma visão de mundo” (VIEIRA, 1998, p. 18), posto que os modos distintos de percepção e organização da realidade são específicos de cada cultura determinada, e não partilhados entre todos os seres humanos, em qualquer lugar, grupo e condição (pan-humanos, segundo ROSALDO, 1989). Waldman sinaliza nesta mesma direção ao questionar se, para se identificarem os ecos do ‘estrangeiro’ nos textos de Clarice, haveria uma espécie de ‘imaginação judaica’ ou uma orientação textual judaica’, para então considerar que “há certos modos gerais de orientação da imaginação expressos artisticamente que *parecem* judaicos, ainda que evitem

com escrúpulos toda referência a essa origem” (WALDMAN, 1998, p. 95). Evitando-os, mascarando-os ou ‘escondendo-os’ à vista de todos, diluídos em sua obra, tais elementos lhe teriam sido transmitidos via cultura, constituindo parte de sua visão de mundo.

Em seus textos, portanto, Clarice incorpora um elemento essencial da tradição judaica, o ‘esconder’, com respaldo no tratamento da linguagem; aliás, a linguagem é, ela própria, um elemento de diferenciação dos judeus entre os demais povos, desde a lei que ‘ocultava’ a divindade, proibindo sua representação, a não ser através da escrita (quatro letras formavam o nome divino, todas consoantes, cuja pronúncia se perdeu; cf FUKS, 2000). O modo de uso da escritura também é evidência do ‘esconder’, pois vela ao mesmo tempo em que revela, ou seja, o que é revelado para alguns que já possuem uma ‘iniciação’, um conjunto de referências prévias, permanece velado para outros que, sem tais referências, ignoram o significado mais profundo do texto, necessitando ajuda para o entendimento, embora muitos não o façam.

Clarice, em sua ficção, ao seu modo representa a condição humana pautada nessas características de judeidade herdada culturalmente: movimento, retorno, espera (‘sofrer a esperança’, sentença de Martim, mas também velada de Macabéa), busca; e tais elementos aparecem metaforizados na incomunicabilidade – a diferença – e na relação com a linguagem. Neste sentido, também a escritora se nutre do fato de o judaísmo ser “uma experiência cultural e histórica de exclusão, de descentralização e diversidade” (FUKS, 2000, p. 47), transpondo-a em suas personagens e, a exemplo de Freud, expressa e interpreta o desconforto humano, embora o faça literariamente. Um traço de judeidade aproveitado como experiência e a partir de certas vivências: eis uma possível leitura basilar para a construção da narrativa poética de exílio que leio nas obras de Clarice Lispector.

Sugestiva e insinuante, a linguagem em Clarice ultrapassa a comunicação de ideias e pensamentos, mas toca na própria essência da existência humana e, por isso, nela também se lê a construção de sua poética de narrativa e a relação com o espaço. Como lembra Fernando Cabral Martins, a escrita, instrumento tão caro a Clarice, quando usada na língua do escritor, ‘é uma extensão do homem’, e tanto ‘transforma a paisagem num texto’ como cria o texto como paisagem, imagem; pode, ademais, transformar ‘o mundo num livro’.

Clarice Lispector não emprega uma forma de poesia concretista, mas sugere sonoridade e ritmo à sua narrativa, muitas vezes acompanhada de um fundo musical mencionado no texto. Porém, a escritora se vale de uma forma de criação de efeito visual através da narração, já insinuado em *O lustre*, com o olhar de Virgínia, mas mais explícito em *A cidade sitiada*, romance no qual Regina Pontieri (2001) lê uma ‘poética do olhar’. Tudo na cidade está ali para ser visto, “o que as pessoas viam” no subúrbio de S.Geraldo “era o pensamento que elas nunca poderiam pensar”, pois “não havia outro modo de conhecer (...). S. Geraldo era explorável apenas pelo olhar” (LISPECTOR, 1975, p. 20).

Clarice escreve uma prosa com dimensões plásticas e rítmicas, explorando as qualidades da poesia na narrativa ao mesmo tempo em que cria imagens de modo a tornar a linguagem de seu texto ‘visual’, plástica, desde as referências ao mundo visível, concreto, às abstrações do pensamento e das sensações. Portanto, desenvolve uma prosa, perpetuada em seus outros romances, como um gesto mais complexo. Nada permanece em seus padrões ou limites impostos e definidos, exigindo uma outra postura leitora: a capacidade de tornar tudo “visível”.

Na relação de Lispector com o exílio, sua forma de experimentação pessoal não é mais importante do que a tradução ficcional, ou seja, o tratamento linguístico e literário que faz da questão, tão intrínseca à condição

humana, como a Psicanálise pode demonstrar. Embora não trate do exílio de modo direto, ‘toca’ em suas variadas formas de experimentação ficcional, e é assim que podem ser vistas como o germe de sua narrativa poética. Em sua literatura, o exílio não se dá como um tema a ser desenvolvido, mas ocorre nos desvios de leitura que seu texto, sempre tão pouco superficial, propicia. Virgínia, portanto, revelará uma faceta incerta de exílio vivenciado individualmente, mas na relação com o outro e com o espaço, simbolicamente representado, e em *Lucrecia Neves* e em *Martim* percebemos outras variações deste exílio.

Ao passo que Virgínia, Lucrecia e Martim vivenciam o afastamento que os faz encarar a si mesmos em luta, consciente ou inconsciente – e na maior parte do tempo, em resignação passiva – consigo e com o espaço, Clarice faz um exercício de escritura que dá os contornos de sua poética. A imagem da cidade, mais incipiente em *O lustre*, logo se converte em eixo central da narrativa em *A cidade sitiada* para, por fim, ser mera referência em *A maçã no escuro*. Nos três romances, porém, estabelecem a dimensão poética da relação exílica entre espaço e personagem. Na obra clariceana, portanto, ocorre o que afirma Fernando Martins: “este exílio não é concebido como uma relação dramática com a cidade, mas antes, e sobretudo, como o desdobramento e a ruptura do espaço” (MARTINS, 2008, p. 102), e seu impacto sobre o sujeito aparentemente bem estabelecido na ausência de conflitos externos que se lhe sobrevêm, impondo-se a ele.

Em *O lustre*, a narrativa poética de exílio evoca também a diáspora, e é metaforicamente descrita na representação do processo de passagem, pois Virgínia e Daniel se debruçam sobre uma *ponte* – a primeira imagem à qual se associam os ecos da repercussão. Como seu duplo, embaixo há um rio, cujas águas formam um “redemoinho calmo” (LISPECTOR, 1995, p. 7), mas constante, sempre em *direção a*, em movimento, nunca estático; e, para reforçar, o terceiro elemento que se inscreve aparece momentaneamente

preso a uma pedra: trata-se de “um chapéu molhado, pesado e escuro de água. O rio correndo arrastava-o com brutalidade e ele resistia. Até que perdendo a última força foi levado pela correnteza ligeira e em saltos sumiu entre espumas quase alegre.” (LISPECTOR, 1995, p. 7) Essa primeira cena cria entre as personagens um laço, estabelecendo um quadro fluido das duas personalidades que se formarão uma à sombra da outra, em seus movimentos também de ida e vinda, às vezes com brutalidade, às vezes resistindo, mas inexoravelmente em transição, no espaço literal e simbólico de um (in)certo exílio, sem raízes fixas e definitivas, ainda não de todo explicitado ou entendido.

Clarice Lispector desenvolve em outras obras e personagens a percepção o exílio. Analisar esta construção, em todo seu projeto literário, conduz a uma percepção mais aguçada da condição humana e as repercussões no entendimento de humanidade, sobretudo na era atual. O papel do intelectual, do estudioso e do leitor de literatura é apreciar a arte e aguçar a sensibilidade, ampliando sua percepção da condição do ser. Por fim, se a leitura da poética de exílio de Clarice Lispector aqui apresentada pode se expandir, é necessário estar atentos aos desdobramentos e ressonâncias em outras obras da escritora, aguçando a percepção e a sensibilidade dos leitores. Reforçamos que a obra clariciana é de leitura essencial no contexto de uma modernidade cheia de tensões e de uma problemática humana que precisa ser analisada profundamente. Compreender a condição exílica humana implica o respeito e a atenção às literaturas itinerantes e deslocadas que vão se configurando em territórios outros, móveis e múltiplos; no entanto, ao passo que essas construções exigem novas discussões, percebe-se ainda a necessidade de superação do exílio da palavra para extrair da linguagem sua plena expressão, revelando o mais profundo de sua significação. Este aspecto, em qualquer literatura resultante dos exílios e deslocamentos, pode contribuir, através de

sua leitura, para a promoção da superação dos exílios impostos e para a promoção do respeito ao sujeito e à sua produção artística.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Luis Alberto. Espaços biográficos e suas expansões. In: CAIRO, Luiz Roberto, SANTURBANO, Andrea, PETERLE, Patricia, OLIVEIRA, Ana Maria D. de (Orgs). *Visões poéticas do espaço*. Ensaios. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações, 2008, p. 87 – 100.

_____. *Teorias do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: FAPEMIG, 2013.

COUTINHO, Fernanda; MORAES, Vera (orgs). *Clarices, uma homenagem (90 anos de nascimento, 50 anos de Laços de família)*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2012.

DOUBROVISKY, Serge. Les points sur lês “i”. In: JEANELLE, Jean-Louis; VOLLET, Catherine (dir). *Genèsetautofiction*. Louvain-la Neuve: Bruylant-Academia, 2007.

FUKELMAN, Clarisse. A palavra em exílio. Uma leitura de Clarice Lispector. In: GOTLIB, Nádía Batella (Org.). *A mulher na literatura*. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1990, p.161-80.

FUKS, Betty Bernardo. *Freud e a judeidade: a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. Ouvir estrelas (ora direis). Apresentação. In: LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1993.

GOTLIB, Nádía Battella, Equipe IMS. A descoberta do mundo – memória seletiva. *Cadernos de Literatura Brasileira – Clarice Lispector*. Edição Especial,

números 17 e 18. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, Dezembro de 2004, p. 8 - 43.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: A Noite, 1946.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1998c.

_____. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

_____. *O lustre*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946.

_____. *O lustre*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

_____. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

_____. *A paixão segundo GH*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Elisa. *No exílio*. Brasília: Editora de Brasília – EBRASA, 1971.

_____. *Retratos antigos: (esboços a serem ampliados)*. Elisa Lispector; Nádia BatellaGotlib, org. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

MARTINS, Fernando Cabral. O quinto império e o mundo interior. In: CAIRO, Luiz Roberto, SANTURBANO, Andrea, PETERLE, Patricia, OLIVEIRA, Ana Maria D. de(orgs.). *Visões poéticas do espaço*. Ensaio. Assis: FCL-Assis –UNESP Publicações, 2008, p. 101 – 110.

MARTINS, Gilberto Figueiredo. *Estátuas Invisíveis: Experiências do espaço público na ficção de Clarice Lispector*. São Paulo: Nankim: Edusp, 2010.

OLIVEIRA, Marta Francisco de. *Clarice Lispector – a poética de um (in)certo exílio*. Campo Grande: Life Editora, 2017.

ROSALDO, Renato. *Culture and truth: the remaking of social analysis*. Boston: Beacon, 1989.

SOUZA, Gilda de Melo e. O lustre. *Remate de males n.º 9*. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da

Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989, pp. 171- 175.

VIEIRA, Nelson H. A expressão judaica na obra de Clarice Lispector. *Remate de males* n^o 9. Revista do Departamento de Teoria Literária e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

WALDMAN, Berta. O estrangeiro em Clarice Lispector: uma leitura de *A hora da estrela*. In: ZILBERMAN, Regina et all. *Clarice Lispector: a narração do indizível*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, EDIPUC, Instituto Cultural Marc Chagal, 1998.

_____. *Entre passos e rastros*. Presença judaica na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Associação Universitária de Cultura Judaica, 2003.

Recebido em 28/11/2018. Aceito em 20/02/2019.